

REVISTA "A Violeta". Ano 11, nº 146. Cuiabá, 30 de abril de 1927.

A VIOLETA

Orgam do Gremio Litterario Julia Lopes

PUBLICAÇÃO MENSAL

—:— DIRECTORA —:—

BERNARDINA RICH

ANNO XI

Cuiabá, 30 de Abril de 1927

Nº 146

CHRONICA



AUDO-TE brilhante Abril, mez das flores e da poesia predestinado pelo Creador para marcar as ephemerides eloquentes que por si só definem o heroismo, a coragem, a energia e a nobreza das raças que prepararam o Brazil de hoje e que vão fundindo no cadinho da patria o typo que affirmará amanhã, no character e na intelligencia, no brio e no valor indómitos a potencialidade formidavel desse colosso que lhe fôra berço.

Brasil querido! com que ufanía vibras em recordar a linda e commovente odysseá dos Inconfidentes, esses martyres da ainda hoje utópica aspiração de autonomia e individualismo patrio que as nações embóra livres, sentem que não possuem.

Como te regosijas na lembrança d'aquella frotasinha lusitana que levada pelo destino caprichoso descobriu aos olhos do mundo deslumbrado as tuas riquezas e formosura inegalaveis, desde esse momento vistas e previstas por Vaz Caminha, o primeiro chronista que fascinado, descreveu, o que seus olhos e seu espirito sentiram na contemplação das tuas plagas beijadas pelo mar, acariciadas pela brisa, enfeitadas pelos coqueirões.

—Como te exultas com justificado orgulho, cantando a epopéa magnifica dos bandeirantes, que descobriram um mundo novo no teu seio, auscultaram pela vez primeira o teu coração de ouro e pedrarias faiscantes e as tuas entranhas verdes onde brama a onça terrivel e suspira a doce seriema...

Cabral o navegante ousado do mar desconhecido, e Cabral, esse palmilhador intrepido das selvas matto-grossenses, tão nosso, tão

particularmente nosso, têm neste mez a sua sagração!..

Para completar tantas lembranças, melhor, para culminar tantas recordações de amor e abnegação, veio a Semana da Paixão neste mesmo mez, avivar na alma dos crentes, com o symbolismo magestoso que a Igreja dá aos actos desses dias, o perfil luminoso do Homem-Deus, d'essa personalidade inegalavel que baixou ao mundo para ensinar aos homens, a sublimidade da religião pura e immaculada como o seu fundador que tem sido tão incomprehendida pela humanidade...

Sómos infelizmente ainda tão impios como aquelles que vili-

pendiaram e humilharam o Redemptor, o Cordeiro de Deus, que recebeu para termino da sua missão de amor e caridade, a morte humilhante dos réus, o escarneo e a maldição.

Mas! confiemos no amor do Christo e esperemos que fructifique a semente do Bem que Elle lançou na terra, semente que para deitar raizes tem que ser regada pelas lagrimas bemdictas do arrependimento sincero desta humanidade que olha e não vê, apalpa e não sente, procura e não acha, porque não quer vêr, porque não quer sentir, porque não quer achar.

Mary

2 de Abril

E' sempre com a alma a transbordar de jubilo que registamos a data que epigrapha estas linhas.

Transcorre nesse dia o natalicio do nosso querido Arcebispo D. Aquino Corrêa, que, em qualquer face da sua luminosa personalidade é um astro de primeira grandeza na constellação intellectual, não somente para nós que nos orgulhamos de tel-o como conterraneo, mas tambem para o Brazil inteiro que lhe rende a merecida homenagem pela sua extraordinaria mentalidade e pelas excelsas virtudes que lhe exornam o coração.

Dá eloquentes provas disso a esteira luminosa que ainda agora acaba de deixar na Capital da Republica, quando da commemoração do centenario do bispado de Cuiabá.

Attestam ainda os elevados conceitos em torno do seu nome a excepcional votação que obteve na sua entrada triumphal para a Academia de Letras.

Com a passagem dessa fulgurante data rejubilam-se todos os brazileiros, muito especialmente os mattogrossenses e esta redacção, que em jubilo se congrega, para apresentar ao eminente patricio os mais respeitosos cumprimentos e ardorosos votos de felicidade pessoal.

Arroyito: si supieras...

Arroyito: si supieras
lo que es la vida, arroyito,
no andarias como andas,
tan ligero y cristalino,
con ese afán de entregarte
sin pensar, como un carriño...
Si presintieras el barro,
te quedarías tranquilo
contemplando las estrellas,
como un hombre que ha sufrido.

Tú eres bello porque ignoras
este mundo en que vivimos,
y murmuras una vaga
canción de romance antiguo:
¿De qué madeja del cielo
hasta la tierra has caído
para desatar tus aguas
y rodar como un ovillo?
¿Qué nube te dió su sangre
formada con el rocío
de las auroras lejanas
que iba hallando en su camino?

Como tú no sabes nada
más que ser bueno, arroyito,

das de beber igualmente,
al sol y a los pejaritos;
y en tí el insecto y el astro
se unen, y brillan lo mismo...
El campo es grave, y no tiene
más música que tu ritmo;
la noche obscura no encuentra
más claridad que tu brillo;
pues tú sólo en este suelo
tienes algo de divino.

Corres a dar tus caricias
para que broten los lirios;
y cual si fueras un verso
conmovido de lirismo,
la frescura de las cumbres
florece en tus besos íntimos...

Y si eres como una brisa
de transparente y sencillo,
es porque no tienes alma,
ni piensas en tu destino,
y porque cantas, e ignoras
lo que es la vida, arroyito...

Pedro M. Obligado

A Fada Azul

Traducção para «A Violeta»

— «O» —

Que quereis? Um conto?

Vou contar-vos uma historia.

É uma historia simples e triste.

Não se falla de Reis, nem de conquistadores; não apparecem guerreiros, nem magicos prodigiosos.

Não vos deslumbra a narração de proezas extraordinarias, nem fará cerrar vossos olhos o brilho de thesouros babilonicos.

Se fosse algo disso, não vol-a contaria.

É uma historia triste, melancolica, doce. Não vos fará rir, nem vos fará chorar, porém é facil que vos faça pensar. Com isso me contento.

De quando é a historia? Não me disseram ao contar-ma, porem não faz falta. Pode ter succedido a seculos, pode ter-se desenrolado hontem, poderia occorrer amanhã.

Emquanto o coração existir e os physiologos não descubram que se pode viver sem elle — pode ter lugar minha historia.

Tem ella sua heroína. Ruivos são seus cabellos, de um ruivo palli to, que faz recordar o adeus do sol em um dia de inverno; azues e grandes seus olhos, reflexo do céu; de nacar seu rosto, com pallidez de santo e arreboes de iniciado, quando aquelles olhos fixam-se na immensidade, com que se confundem.

E esta heroína está a morrer.

Sua alma é um sopro divino que quer voar ao infinito, e que se escapa pelo os olhos, que só tem olhares para o céu; por entre os labios, que parecem feitos para a oração, através da carne do corpo que quer despojar-se do involuero terreno para voar ao eterno.

Sente anhelos que não sabe explicar, ansias de vida e de liberdade, que nunca viu satisfeitas; temores de chegar demasiado tarde a um mais além, cujo limite é desconhecido,

Tudo isto sem definil-o, esboçado, vislumbres não mais de espirito apenas formado, quando já debil para a vida terrena, e disposto para a jornada grande e definitiva.

A heroína da minha historia espera a morte, e espera pensando na vida. Um transito da dôr ao prazer, da obscuridade á luz, da duvida á certeza, da mentira á eterna verdade, do limitado e perecedor ao infinito e eterno.

E como o somno é a imagem mais exacta da morte, pensando nesta, a minha heroína quedou-se adormecida.

* *

A fada mysteriosa que habita nas regiões do sonho, intangivel como o ideal, etérea como o pensamento, azul como os céus, veio saudal-a.

Tomou-a em seus braços, e vai remontando com suas azas a immensidade. Lá no alto pode vêr tudo.

Veja, lhe disse, o mundo está a nossos pés; são de vidro todos os peitos, não ha segredos para nós nos corações, lemos em todas as consciencias.

Quão poucos merecem estas alturas!

Vivem nos terrenos baixos porque não poderiam respirar no cume.

Apegados á terra, miasmas deletorios que de suas entranhas se desprendem, os impedem de contemplar ao alto, ao grande e nobre. Em baixo tudo é falso e grosseiro. O amor é calculo, o heroismo uma manifestação do orgulho, a caridade um meio, a amizade conveniencia.

¿Vês os homens? Correm, afanam-se, luctam. ¿Por uma empresa generosa, por algum nobre ideal? Não.

Luctam pelo egoismo, pelo interesse, pelo poder. Querem chegar ao cume para elevar-se sobre os que quedaram lá abaixo, no sopé, não para respirar os ares puros das alturas.

* *

A fada azul segue sua carreira a-travéz do espaço, levando a minha heroína em seus braços. De novo se detém e lhe falla.

Vê. Daquí se distingue um immenso valle risonho e tranquilo.

É o valle da Verdade. Aquellas lutas desvellos e afau que antes vimos, não conseguem atravessar seus limites. Chegam até elles, e logo se desfazem como as turbulentas ondas do Oceano rompem se em espuma ao beijarem as areias da praia: Neste valle, cerrado ás concupiscencias dos humanos e surdo aos gritos da ambição, tem seu solar as verdades tolas.

Fixa-te mais. Assim. Cada verdade é um montão de fogo, uma fogueira que jamais se extingue, porque a verdade como a justiça, são eternas, como eterno é o Omnipoteute que lhe deu vida. De Deus nasceram e só com Elle podem morrer.

Extranharás que essas fogueiras, que representam distinctas verdades, sejam tambem distinctas em suas dimensões.

Não debes extranhar. Nisto, como em tudo, cumpre-se a lei da Natureza, que é a lei de Deus. Verdades grandes e verdades pequenas; corações feitos para amar um ideal e corações dispostos para um instante de paixão; almas grandes, capazes de conquistar a verdade unica, e almas miseraveis, para as quaes o momento é immensidade.

Para cada verdade, uma alma e um coração capazes de comprehendê-la e de amá-la. Cada fogueira é uma verdade. O Amôr, é aquella que com chamma inquieta e rubra brilha ao longe. Immediata a ella, chammas desiguales denunciam a Virtude.

Não é grande, porque não é esta a verdade que em preferença perseguem os humanos.

Aquelle botão de fogo, apenas perceptivel é a Justiça.

Ha momentos em que se diria que vai extinguir-se, é que os homens parecem que lutam mais por matá-la que por augmentá-la e dar-lhe vida.

Mais fogueiras se distinguem; umas apenas luzem, outras brilham a intervallos; da vida de muitas dellas apenas se vêem os signaes.

Se não lhes falta por completo é porque sua existencia é immortal.

Em compensação, no centro desse valle de rubras chammas uma fogueira se destaca, cuja vida é exuberante, e cujos resplendores dão tintas de aurora ao céu e á terra. Vivo e potente é o incendio, como se diligentes e invisiveis geniosinhos se encarregassem de alimentá-lo. Contra suas linguas de fogo e suas espiraes de fumo, os humanos são impotentes. Longe de apagá-la, tem que mantel-a de combustivel. É a fogueira maior, e, como a verdade que representa, é insaciavel e é eterna.

É a Morte.

E quando a heroína da minha historia, depois do passeio mysterioso em braços de fada, despertou, pode sorrir, com os ultimos raios do sol, que morria no occaso, e pensar sem medo no proximo transito que a conduzia, por fim, á Verdade e á Vida.

Manhã

A aurora como um cravo rubro abre as petalas amenas, e a natureza indolente accorda n'um hymno de alegria. A aragem destisa levemente espalhando pelo ar os delicados perfumes das rosas, das violetas, dos cravos, emquanto myriades de avezitas pousadas nos galhos das arvores entôam canções meliodiosas.

Bandos de irrequietas phalenas polychromas sempre aos parés, correm pelos jardins osculando e sugando das flores o nectar melifico do seu pollen.

As andorinhas passam adejando ou se estabelecem nos fios telegraphicos e no aramado das cereas que guarnecem a vereda.

De todos os passarinhos, os que cumprirentam o sol com mais alegria são as andorinhas. Ellas desferem o vôo trinando.

Depois todas simultaneamente, pousam no fio longo que estendendo de poste em poste transmittem de cidades distantes as boas e más noticias.

Sobre a linha telegraphica, ellas com o peito branco em direcção ao sol nascente, parecem um fio de perolas.

Supponho que as andorinhas, chilreando, nas manhãs esplendorosas da primavera, parecem dizer que o sol com a sua luz côr de ouro alegre os campos, dá côr às flores e aquece os ninhos.

Ao seu calor desenvolvem-se as sementes, nascem as flores e amadurecem os fructos.

Dá força e esperança ao enfermo, quando pelas janellas penetra no quarto.

Dos troncos das arvores cria o lenho; oxygena o ar, e com a sua luz concede a admiração da natureza!

Minerva

No jardim...

Domingo de Abril! Cuiabá vibra na sua praça principal: a praça Alencastro. O jardim está animadissimo — a concorrência é enorme! De todos os bairros affluem senhorinhas, rapazes e crianças a este encantador logradouro. Eu tambem faço parte d'aquellas que todas as quintas e domingos, vêm dar umas voltas pelas alamedas enluaradas... Sou infallivel, nessas noites, no jardim. Vim hoje somente para apreciar; o footing não me attrae...

Ha tanta gente! gosto mais de passear quando vou livremente, á vontade, sem embarrar aqui ou tropeçar ali... Quando o jardim está tão cheio prefiro sentar-me e... reparar. Vêm ali Milles A. B. e A. C. conversando animadamente. Ouço uma das phrases que trocam entre si, será indiscreção dizel-a? Oh! não! — Diz Mlle. A. C. com um sorriso encantador á sua companheira: « Pessima luz! tu, que tens *tanto poder*, por que não mandas melhoral-a? E, muito seria, mas com a alegria a brilhar-lhe nos lindos olhos claros, responde-lhe a amiga: « Não exaggeres, só o teu olhar bastaria para illuminar o jardim!... » Que amiguinhas gentis; si trocam entre si tantas amabilidades!... Sorridentes, passam Milles. V. C. e S. G. Têm razão para estar contentes, estão tão lindas! Mlle. V. C. na simplicidade dum vestido-nho claro que lhe cõe deliciosamente e Mlle. S. G. com um vestido de fitó branco, admiravelmente de accordo com o seu delicado *typo mignon*.

Passa, deitando olhares meigos para Mlle. N. r. elegante qual uma francezinha, o capm. A. P.

O footing está na verdade muito animado! Com) é bom apreciar, descobresse tanta coisa... Por que não fico eu todos os domingos sentadinha, como estou hoje? Mas gosto tanto de rodar, rodar... Hoje, não sei por que não me senti com vontade de fazel-o... — E fiz, bem; gozei tanto o jardim, do meu banquinho e tirei tantas conclusões, tantas.. Dr. B. C. passa enviando um sorriso á Mlle. E. B. — Dr. seja mais discreto, já está dando na vista esse seu modo de fazer a côrte á Mlle... E parece-me que está para ser barrado por um certo estudante muito sympathico... Mlle. H. O. encantadora na singeleza da sua toilette, está fazendo inveja ás rosas dos canteiros... Dr. J. N. gentilissimo, como sempre, a distribuir amabilidades entre as suas innumeras amiguinhas. Dr. F. I. dizendo palavras doces á sua eileita que as acolhe com um sorriso fei-ticeiro. Melle. A. M. parece triste, com toda a certeza pensa no noivinho ausente, não é?

A banda do 16 está hoje animada! Não toca a intervallos muito longos, como é seu costume! E tem tocado peças tão bonitas!

Aspiro a plenos pulmões e sinto-me embriagar com o perfume subtil que se evola em torno de mim. A temperatura está agradabilissima! Uma brisa fresca me acaricia, toca-me levemente os labios, os olhos, os cabellos e eu sinto uma sensação deliciosa! Quizera que não mais chegasse a hora de retirar-me, isto aqui está tão bom... Mas creio que a musica já se vai retirar! Que pena! Deixa o coreto e, rodeando o jardim, dá os accordes finaos do dobrado. Levanto-me; porque estou triste? Domingo virei outra vez gozar destas inesqueciveis horas. Vou para casa. O jardim vai ficando deserto. A luz apaga-se, agora é que as alamedas do Alencastro estão verdadeiramente enluaradas. A lua e as estrellas brilham, as flores adormecem.

Mas algumas deixam o seu envolvero e, quaes fadasinhas brancas na noite escura, vêm conversar nas alamedas sombrias. Que dirão ellas? não sei.

Até á minha pessoa, enlevada na contemplação dos astroinhos brilhantes e das florinhas perfumadas, chega um murmurio doce. Que será? Deve ser a conversa das flores...

Fada

O Condor

Tributo para A Violeta

*Asas soltas, rasgando o veo azul da altura,
Semelhando um borrão na tãla da infinito,
Indomito condor galgar o ceo procura
Num vôo de esperança e num anseio invicto.*

*Foge-lhe a terra abaixo e rasga-se-lhe, em mytho,
Acima, o azul do Sonho em aurea architectura.
Ei-lo que, audaz titan, de glorias mil convicto,
Num genio triumphal dos ceos se transfigura.*

*Depois de tanto voar pãla amplidão infinda.
Completamente exausto e insatisfeito ainda,
A' terra que deixãra, ao berço seu, recorre..*

*Mas, cresce-lhe a fadiga, o tedio, o desengano;
Faltam-lhe as asas. Cãe, e num deserto morre.
(Esse condor, querida, ã o pensamento humano!)*

Cuiabã, 1927

Jercy Jacob.

A Mendiga

medito para «A Violeta»

Per Jacyra

Quem, a essa hora em que a tarde num bocej) intenta apagar a luz do dia, passasse pela rua cheia do bulicío humano, veria uma anciã, tropega e mendiga, na extrema decrepitude da villa, estender a mão enrugada á caridade publicæ. Cega, emmarchecida a face, cabellos brancos, olhos amortecidos, tudo nella revelava miseria e piedade implorava.

Arrastava-lhe os passos pela cidade uma tão linda quanto tristonha menina, em cujos olhares negros palpitava a ternura como na contemplação do proprio infortunio. Dir-se-ia a estatua da Resignação. Quem era? Ninguém o sabia. Toda a cidade a conhecia sem a conhecer. Seria filha da ceguinha, ou seria o seu arrim) tão simplesmente? Orphã, deve ser, diziam todos: porque só uma creatura abandonada ao vae-vem do mundo pôde, com tanto sentimento, com tanta frequencia, declamar, com voz trêmula e olhos humilceidos:

« Senhor, Senhor! quando seismo
 Q1) ha muitas almas que nascem
 Sobre o cairel de um abysmo,
 E que basta um sopro apenas
 Das tempestades do mundo
 Para as lançar lá no fundo,
 Se têm fundo essas gehenas...
 Ah! perdôa-me, Senhor!
 Mas por dentro do meu craneo

Passa a duvida sombria,
 Como larva immunda o fria
 Nas trevas de um subterraneo.

Teu filho, o proprio Jesus,
 Emblema do soffrimento,
 Que morreu pregado á cruz
 Sem um unico lamento,
 Sem um grito, sem um ai,
 Teu proprio filho, Senhor,
 Teve mãe e teve pae! »

Era assim, recitando essa nunca assâz a admirada poesia, era quasi somente com essa evocação da propria orphanidade e miseria, que a pobrezinha a esmola pedia ao traseunte para mitigar a fome daquella que somente as trevas se lhe imprimiam na retentiva sem vida. Ai! como é acerba a ironia do Destino: diffunde-se tanta luz no espaço, illuminando até o recesso das grotas, mas não penetra ou impressiona o globo ocular de quem tanto anseia pela visão! E é sempre dentro desse circulo de contrastes e amarguras que a alma germina, melra, floresce, fructifica e morre, sem deixar—quantas vezes! — um vislumbre de sua trajetoria, como a aurora passa pelo horizonte sem nelle gravar vestigios de sua passagem, ou qual estrella cadente que não imprime no negro-azul do ceo o sulco flammivomo de sua quála!

Entretanto, numa dessas tardes em que esmolavam, não foram vistas—a cega e a menina—no ponto costumeiro. Não mais se ouviu desde então a voz langurosa desferir á aragem vestpertina:

Teu proprio filho, Senhor,
 Teve mãe e teve pae!

Mas, lá na enxerga humilima de um hospital, uma velhinha era acariciada com enlevo e carinho por uma creança, que lhe velava o somno, sentada aos pés da cama. Quando, porem, á fuga das phalenas das sombras o campanario bimbalha as matinas, o bronze dorido do hospital plangia o threno da morte: a velhinha cega morrera, depondo nas mãos da menina, quando no paroxismo da agonía lhe crepitava a derradeira scentelha da vida, uma preciosa lembrança: um collar e uma aurifulgente medalha.

— «Guarda esta reliquia! — disse-lhe a anciã. Tua mãe — que não sou eu, confesso-t'o agora — deu-ma quando eu te recebi dos braços della, pedindo-me que somente t'a dêsse num transe extremo como este . . . »

Agora, só e desamparada, a pobre creança permanecia no hospital como simples empregada.

Certo dia, uma duqueza tomou apozento: particulares nessa casa de caridade para submeter-se a uma intervenção cirurgica. Pela primeira vez a então crescida menina foi servir de auxiliar á enfermeira que cuidava da aristocrata senhora. E tão solícita e dedicada se mostrou, que esta, restabelecida, a contractou como sua criada de quarto, levando a comsigo.

Logo na manhã seguinte, ao espantar os quadros surpresa! — eis vê pendente da parede um magnifico retrato à crayon, de onde forçosamente foi tirada a miniatura fotografica que durante annos ella contemplara todos os dias, analysando-lhe os menores traços a ver si se recordava de ja ter deparado alguma senhora cuja semelhança fosse um indício para a descoberta de sua suspirada mãe. A identidade era perfeita entre o quadro e a miniatura, cuja imagem ella trazia estereotypada na retina; contudo, num brusco movimento incontido, sacca a medalha do seio, abre-a voluptuosamente, contempla-a embevecida, estatelada. Não tinha a menor duvida: só restava saber si ambos o retratos, mostrando uma joven de uns 15 annos, representavam aquella quarentona duqueza quando em plena e radiosa juventude. Parecia-lhe que sim, embora não o quizesse crer: que sim, confessava-lh'o mão — grado tudo, uma crescente parecença, que involuntariamente ia descobrindo entre as linhas nitidas e harmoniosas do retrato e os esmaecentes contornos physionomicos imprecisos e flacidos, daquella augusta senhora em idade madura.

Guardou rapidamente a medalha, lançando em torno um olhar inquieto, receiosa de que porventura a tivessem visto naquella enlevada contemplação e confronto. Suspirou, trahido do nesse movimento d'alma sentimentos tão complexos que ella propria não os saberia definir: allivio,

perturbação, embevecimento, duvida, receio, alegria e tristeza.

Tão descontraídas emoções empolgaram-lhe o espirito dalli em diante, tornando-a abstracta, ensimesmada, quedando-se ás vezes, em meio do serviço, num gesto suspenso, de estatura, olhando sem ver, labios descaidos e tremulos... Interpelada, retomava vivamente a occupação, sem achar que responder.

(Continúa)

TREPAÇÕES

Nos footings do Alencastro e nas reuniões do Club Concordia encontrei os seguintes bilhetes:

N. L.

Desde o dia em que o acaso quiz que te conhecesse a tua esplendida imagem povoou-me o coração.

B. L. de C.

A. de F.

Ha em ti um não sei que, de attractante. A tua voz desperta em minha alma um echo dulcissimo; a luz do teu olhar illumina e consola todo o meu ser.

F. L.

A. C.

Aborrecido pelo teu desprezo, resolvi partir afim de vêr se poderei esquecer-te.

J. N. de A.

A. N.

Eu não conhecia o amor, essa doce e querida inquietação do coração que povoa a existência de ventura. Uma tarde, porem vi-te passar; os teus olhos fitaram-se nos meus e desde este momento comprehendí que a unica felicidade consiste em amar e ser amado.

R. P.

V. C.

Sciende do teu procedimento com A. S. L. resolvi o quanto antes voltar, afim de tirar satisfações.

Z. B.

Y. A.

Fiquei bastante satisfeito com o teu procedimento durante a minha ausencia. Em recompensa prometto ser-te muito constante cousa allias bastante difficil para mim.

S. S.

C. N.

Aconselho - te a abandonares um pouco os teus livros e dedicar tambem ao amor; pois um coração sem amor, é (como diz Macedo) um campo arido, quasi sempre ou sempre cheio de espinhos e sem uma unica flôr que n'elle se abra e o amenise.

A.

Dr. L. M.

Como eu seria feliz se pudesse fazer penetrar em teu coração uma centelha do amor que te dedico.

A. R.

T. D.

Em agradecimento das noticias que me deste a respeito de L. D. F, ajudarte-hei a fazer as pazes com a tua predilecta N. C.

A. de A.

Os que partem

Com a Iguatemy que daqui sahio á 13 do fluente, seguiu para o Rio de Janeiro a nossa gentilissima consocia D. Sirhá R. Sampaio, em visita a sua familia, acompanhada de seus interessante filhinhos.

Gratas pelas despedidas, desejamos-lhe muito agradavel passeio e feliz regresso.

Para Tres Lagoas seguiu a nossa estimada amiga e consocia Sta. Nilce Cuiabano.

Esperanço em breve o prazer de abraçal-a, desejamos-lhe muito feliz viagem.

Nascimentos

Tem o seu lar em festa desde 3 do corrente o Dr. Silverio Cardoso, com o nascimento de um robusto menino que recebeu o nome do seu avô paterno.

Apresentaudo felicitações aos genitores do pequenino João Ce-

lestino, desejamos-lhe longa e feliz existencia.

Está de parabens desde 11 do corrente o distincto casal Campos, com o nascimento de dois interessantes meninos que receberam os nomes de Carlos Frederico e Frederico Carlos.

Muito prazenteira, esta reacção deseja aos pequerruchos innumerables felicidades, e felicita vivamente ao Sr. Campos e sua gentilissima consorte.

No mesmo dia engalanou-se o lar do Dr. Olegario de Barros com o nascimento da graciosa Evandita. E' com prazer que felicitamos aos extremosos paes e desejamos á recém-nascida uma existencia florida.

Club Concordia

Emfim, chegou a vez de termos um Club! Ha muito que a nossa sociedade se resentia da falta d'elle! E agora podemos dizer que os projectos da fundação do Club Concordia se transformaram em realidade, graças á festa que, no dia 16, se realizou no salão do Cine Parisien.

A nossa sociedade está, pois, de parabens e tambem as senhoritas e rapazes que tão bem souberam organizar o baile de inauguração. Foi uma festa esplendida, que a todos agradou! Agora, todos os mezes teremos partidas iguaes a essa e todas as noites reunirão na séde do Club.

Ha, além das dansas, diversos jogos e divertimentos.

E' natural que se vá sempre ao Club Concordia, gozar dumas horas deliciosas, de alegria e encantamento.

Ao Club, caras Consocias!..

Comunicação

Da directoria do Riachuelo Foot-ball Club recebemos attenciosa communicação da posse da sua nova directoria, composta na sua totalidade da flôr da mocidade corunbaense.

Associaando-nos ao enthusiasmo sempre crescente daquella selecta associação, almejamos-lhe crescentes triumphos e agradecemos a fineza da communicação.

Visitas

Da vizinha cidade de Caceres recebemos o primeiro numero do semanario—A Tesouira—, organ critico e noticioso, redigido por uma pleiade de jovens intelligentes daquella cidade.

Recebendo-o com satisfação desejamos a nova collega vida longa e prospera, e agradecemos a gentil visita que retribuiremos com prazer.

A 21 do corrente circulou nesta cidade o 1º numero d' "O Normalista," organ das alumnas da Escola Normal desta capital

Com interessante collaboração feminina, o novo jornal será um incentivo para as nossas jovens conterraneas que cultivam as letras.

Agradecemos a visita que carinhosamente retribuiremos.

Offertas

Annaes Forenses
do Estado de Matto-Grosso

Temos em mãos o precioso trabalho juridico cujo nome encima estas linhas, e que vem mais uma vez attestar a laboriosidade e cultura juridica dos nossos integros julgadores.

Gratas pelo exemplar endereçado a esta redacção.

Com a fidalga gentileza que lhe é peculiar, o Dr. Julio de Aguiar, offereceu á nossa bibliotheca duas volumosas obras do Serviço de Inspeção e Fomento Agricolas.

Somos gratas ao distincto cavalheiro pela preciosa offerta.

MEZ MARIANO

Maio, o mez das flores, dedicado á Virgem Santissima, abre as suas portas para perfumar-nos a alma com os canticos entoados á Maria.

A natureza veste-se de galas para render louvores á Rainha dos Céos; e neste anno, como nos demais, as nossas igrejas estarão repletas de fieis, que, á hora suave do Angelus, erguerão unisonas vozes para invocar o seu excelso patrocinio.

Os que partem

Para o Sul do Estado seguiu em commissão do Governo o Cel. Raymundo Sampaio.

Ao illustre viajante, que tem conquistado em nosso meio reaes sympathias, auguramos muito feliz viagem.

SOCIAES

Anniversarios de Abril

A 1º A Sta. Anna C. Pinto, profesia em S. Antonio do Rio Abaixo.

A 2—Sta Anna Francisca Modesto.

A 3—D. Honorata V. de Oliveira.

A 4—D. Amelia Muniz, e o Dr. Leonidas P. Mendes.

A 5—A Sta. Dinah Ponce, o Dr. Albano de Oliveira e o professor Jean Kuyt.

A 6—D. Anna Galvão de Barros e Major Joaquim Frederico de Mattos.

A 7—D. Alice G. de Azevedo, D. Rita D. Rodrigues e o Sr. Epiphanyo de Oliveira, Administrador dos Correios nesta Capital.

A 13—O Sr. Hermenegildo de Oliveira, proprietario da Pharmacia Americana e o Sr. Athayde de Mattos, do alto commercio desta praça.

A 15 O Sr. Orestes Miraglia.

A 18—D. Maria Augusta de Oliveira.

A 19—As Stas. Analia Proença e Jovina Serra e o interessante Leowi de Mello.

A 20—D. Balbina Orlando e a Sta. Edith da S. Pereira.

A 21—O Dr. João Villasbôas e o Sr. Anselmo de Oliveira.

A 22—D. Aline da Silva Pereira, o Dr. Caio Corrêa e a Sta. Alayde de Figueiredo.

A 23—D. Dulce Corrêa da Costa.

A 24—A Sta. Gertrudes Ribeiro.

A 25—O Dr. Allyrio de Figueiredo.

A 26—D. Alzita de Mattos Müller.

A 27—O Dr. Alvaro Novis e o Sr. João do Lago Monteiro.

A 30—A Sta. Maria Catharina de Figueiredo, 1^a. Secretaria do nosso gremio e a Sta. Marianna Póvoas

A todos apresentamos cumprimentos com votos de felicidades.

Anjinho

E' com sincero pesar que registamos o fallecimento do interessante José filho querido do professor Joaquim Marques, occorrido a 10 do corrente.

Depositando no pequenino tumulo uma braçada de flôres, associamo-nos á dôr que opprime o coração do professor Marques e sua extremecida esposa D. Helena Z. Marques nossa muito querida amiga.

Fallecimentos

Quando viajava com destino a esta Capital, e quando a imprensa cuiabana se preparava para receber o carinhosamente, falleceu a bordo da Igua-temy, que o conduzia, o festejado jornalista Paulo Ferraz.

A imprensa cuiabana profundamente sentida com esse luctuoso acontecimento, uniu-se em carinhoso e fraternal gesto para render ao illustre morto as homenagens sinceras de sua grande e justa mágua.

Esta redacção allia-se ao grande pesar que opprime á sua desolada mãe pela perda irreparavel que acaba de soffrer, e apresenta á imprensa paulista—sinceras e sentidas condolencias.

No seu frio lacomismo transmittiu-nos o telegrapho a dolorosa noticia do fallecimento inesperado do Dr. Bernabé Gondim, integro Juiz de Direito de Corumbá, victimado por barbaro e covarde assassinato.

O pranteado extincto, que por algum tempo conviveu composto deixando aqui grande circulo de amigos, deixa viuva e filhos a prantear a sua falta irremediavel.

Sentindo profundamente esse doloroso acontecimento, levamos a disolada viuva, nossa presada consocia D. Ventura Gondim, os mais sentidos e sinceros pesames.

As primeiras hora do dia 22 do corrente entregou sua alma ao Creador a estimada e bondosa Senhora D. Alzira de Abreu.

Mãe exemplar e dedicada de numerosa familia, na sua trajectoria pela vida foi um modelo vivo de abnegação, laboriosidade e sacrificios.

Os que a conheceram de perto serão unanimes em affirmar que a par de uma affabilidade sincera, tinha o coração aberto a todos os bons sentimentos, tendo ainda entre cruciantes soffrimentos dos seus ultimos momentos palavras de carinho aos que a visitavam.

Lamentando de coração essa perda irreparavel, apresentamos a seus carinhosos filhos e dedicados genros as expressões sinceras do nosso grande pesar.

Noticias do Rio de Janeiro informam de haver alli fallecido a respeitavel senhora D. Maria Heduwiges de Albuquerque, senhora muito bem quista em toda a sociedade cuiabana.

Com verdadeiro pesar levamos a seus extremosos filhos e demais parentes as nossas condolencias.

